

Eleições só vão terminar hoje

29 NOV 1997

CORREIO BRAZILIENSE

Escolas da rede pública escolhem as novas diretorias, mas a maioria tem candidato único. Cargos não chamam tanta atenção

Marcello Xavier
Da equipe do Correio

O primeiro dia de eleição para escolha de diretores e conselho das escolas públicas do Distrito Federal foi movimentado. A boca de urna correu solta na porta das escolas com a distribuição de panfletos, senhas simuladas e “gritos de guerra”. Os cabos eleitorais se esforçaram para conquistar a confiança e o voto dos alunos, pais, professores e demais servidores na última hora. A votação continua hoje nas 530 da rede pública das 8h às 18h.

Na Escola Elefante Branco, na 908 Sul, o candidato e atual diretor, Francisco de Assis, era só sorrisos. Também pudera. Concorrendo em chapa única, tinha a certeza que continuaria a ocupar a cadeira de diretor. “Não é tão fácil assim. Estou concorrendo contra os votos nulos e brancos”, afirma o professor Francisco.

O candidato comenta que a falta

de um segunda chapa é um ponto comum em 369 escolas. “O cargo de diretor não chama mais a atenção”, justifica Josilda de Souza, da comissão eleitoral local. Segundo ela, foram retiradas algumas vantagens para a aposentadoria de quem ocupa cargos comissionados como a redução das gratificações. “Só dor de cabeça e o prazer pessoal”, reforça Francisco de Assis.

Mas se a disputa para diretor não está empolgando, a eleição para a escola do conselho escolar formado por dois integrantes de cada segmento — alunos, pais, professores e demais servidores — está acirrada. Oito pais concorrem a uma das duas vagas. Na categoria professores, seis mestres estão no páreo.

Na Escola Elefante Branco, dos 3,5 mil alunos, mais de dois mil devem ir às urnas. Só podem votar estudantes maiores de 13 anos e com frequência mínima de 50%. Os faltosos ficam de fora. Para a escolha

do diretor todos podem votar. Já para o conselho escolar, os representantes só podem ser escolhidos por integrantes da mesma categoria.

Depois de votar, muitos alunos se reuniram na entrada da escola para conversar ou para jogar truco. “Gosto do professor. Merece o nosso voto”, afirma Ana Carolina Cardoso, 15 anos, aluna do 1º ano científico.

Na Escola Industrial de Taguatinga (EIT), na QNB 1, os cabos eleitorais agitavam bandeiras na porta da escola. Vestindo camisetas alusivas à eleição tentavam convencer os indecisos. Duas chapas concorrem à direção da escola. O atual vice-diretor, Enoque Ferreira, concorre pela chapa 1. “Vamos continuar o atual trabalho”, garante.

Atual trabalho que é alvo de ataque dos eleitores de Luiz Carlos Siqueira, da chapa 2. “É preciso mudar. A atual direção não tem contribuído nada para melhorar a escola”, afirma a vestibulanda Samantha Lins, 18 anos. A amiga Luciana Rodrigues, 18, comunga da mesma idéia: “mudar.” Na EIT, 170 servidores — professores e auxiliares — e 2,3 mil alunos estão aptos para votar.

“Temos a oportunidade de escolher quem comandará a escola. Isso é

muito mais democrático”, afirma o estudante Cleber Batista, 17 anos, ao comentar o processo de escolha dos diretores e conselho escolar. Cleber está de saída da escola. Aluno do 3º ano científico, acredita que votou na melhor opção para os colegas que ficaram.

DISCRIMINAÇÃO

A disputa na Escola Classe 10, em Sobradinho, pendeu para o lado da discriminação. De um lado, Marisa de Sousa Matos (chapa 1), professora de atividades, e do outro, Maria da Pena Batista da Cunha (chapa 2), merendeira da escola, formada em pedagogia. E é justamente o cargo que ocupa Maria da Pena, o motivo para tanta discussão.

As candidatas desconversam e garantem que não há preconceito na disputa por causa do cargo que uma delas ocupa. Mas os cabos eleitorais da professora Marisa desconfiam da capacidade da opositora em ocupar a direção da escola. “Como é que ela pode ser diretora se não possui nenhuma experiência. Educação é uma coisa muito séria”, defende a professora Jane Vieira.

“Não é um preconceito. Tudo isso não passa de um processo normal

dentro de uma disputa eleitoral. Isso aqui é uma eleição como outra qualquer”, garante Gilmar Eduardo Herrero, pai de aluno. Mas Lorena Cunha Penha, filha da merendeira, não está convencida do fato. “Há discriminação sim. Não adianta querer mentir agora”, critica. Lorena garante que a mão já lecionou.

Uma feroz disputa entre os candidatos a diretor no Centro de Ensino 14, em Taguatinga, com direito a troca de acusações, esquentando a corrida pelo voto. O professor Luís Pereira de Lucena, acusa a concorrente de distribuir e usar ilegalmente camisetas dentro das dependências da escola. O que é proibido pela decreto que regulamenta as eleições da Gestão Democrática.

“De fato não é permitido”, admite Maria das Dores, que concorre a reeleição. A Dorinha, como é mais conhecida, afirma que fechou um acordo com comissão eleitoral local para o uso das camisetas dentro da escola. Desde que os partidários não a utilizem dentro das salas de aula. “Camiseta só com dizeres alusivos ao programa do candidato. Só o número não vale”, afirma Ruitier José de Lima, da comissão eleitoral geral.